

Alberto de Souza OLIVEIRA, *Panóias*. IPPAR, Vila Real, Setembro de 2005, 48 pp. ISBN: 972-8736-93-2.

Realizou-se, de 24 a 26 de Fevereiro de 1995, em Vila Real, promovido pela Direcção Regional do Norte do IPPAR, um Encontro Internacional sobre Panóias. Estava-se na altura em que se discutiam soluções para a musealização do sítio e houve, para o efeito, notáveis contributos nacionais e estrangeiros.

Já antes, no âmbito do Simpósio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafia Rupestre Prerromana e Romana de Espanha, Portugal e Itália, realizado em Santiago de Compostela, de 29 de Junho a 4 de Julho de 1992, os epigrafistas a Panóias se deslocaram como que em romagem, por se tratar, na verdade, de um dos sítios arqueológicos mais emblemáticos do Norte do País.

Aliás, foi na sequência dessa estada em Panóias, que Géza Alföldy, da Universidade de Heidelberg, acabaria por tentar uma interpretação das epígrafes de forma lógica, em relação ao que se via gravado no terreno e nas penedias: os textos não seriam, em seu entender, mais do que as didascálias para o crente, pronto a iniciar-se nesses mistérios, observar, num progressivo ritual, a culminar, mui provavelmente, no encontro com a divindade, deitando-se num dos túmulos rasgados na rocha mais altaneira<sup>1</sup>. Somos guiados, pois, como por mão de sacerdote, quais iniciados, desde o sacrifício cruento do animal imolado, segundo os preceitos rituais, rodeando penedos, parando aqui, genuflectindo acolá, até à subida íngreme, mas deliciosa, do êxtase com as divindades – a Suprema Serápis, os deuses infernais, os numes protectores dos Lapíteas...

Felizmente, o sítio foi recuperado para sereno usufruto por parte do público e, embora as actas desse encontro de 1995 nunca tenham vindo a lume<sup>2</sup>, certo é que outras publicações se fizeram e de uma delas ora nos vamos fazer eco. Antes, porém, seja-nos permitido evocar de novo o que este santuário desperta em quem o visita e que, por isso também, inspirou o traço original de Souza Oliveira.

Há sítios no mundo em que toda a envolvência natural te convidam a fazer silêncio, a meditar na efemeridade da vida e a diriges-te, ainda que de uma forma espontânea, a uma entidade sobrenatural cujo sopro sentes por ali... Panóias é um deles.

No topo de uma colina, à saída da povoação de Vale de Nogueiras, um conjunto de solenes penedias com pequenos tanques, buracos para encaixe de postes das construções que primitivamente os cobriam e inscrições no dorso. Em latim e em grego. Informa uma das inscrições que pertenceu ao legado imperial romano Gaio C. Calpúrnio Rufo, senador (*clarissimus vir*), aí pelos primórdios do século III da nossa era, a iniciativa de mandar consagrar o sítio «aos deuses e às deusas e a todos os númenes em geral e também aos dos Lapíteas». Refere-se a existência

<sup>1</sup> «Die Mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal)», *Madridrer Mitteilungen*, 38 1997 176-246.

<sup>2</sup> Alguns textos acabariam por ser publicados, como é o caso da intervenção de Alain Tranoy, «Panóias ou les rochers des dieux», *Conimbriga* 43 2004 85-98.

Alberto de Souza OLIVEIRA, *Panóias*. IPPAR, Vila Real, Setembro de 2005. 48 pp. ISBN: 972-8736-93-2.

Realizou-se, de 24 a 26 de Fevereiro de 1995, em Vila Real, promovido pela Direcção Regional do Norte do IPPAR, um Encontro Internacional sobre Panóias. Estava-se na altura em que se discutiam soluções para a musealização do sítio e houve, para o efeito, notáveis contributos nacionais e estrangeiros.

Já antes, no âmbito do Simpósio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafia Ruprestre Prerromana e Romana de Espanha, Portugal e Itália, realizado em Santiago de Compostela, de 29 de Junho a 4 de Julho de 1992, os epigrafistas a Panóias se deslocaram como que em romagem, por se tratar, na verdade, de um dos sítios arqueológicos mais emblemáticos do Norte do País.

Aliás, foi na sequência dessa estada em Panóias, que Géza Alföldy, da Universidade de Heidelberg, acabaria por tentar uma interpretação das epígrafes de forma lógica, em relação ao que se via gravado no terreno e nas penedias: os textos não seriam, em seu entender, mais do que as didascálias para o crente, pronto a iniciar-se nesses mistérios, observar, num progressivo ritual, a culminar, mui provavelmente, no encontro com a divindade, deitando-se num dos túmulos rasgados na rocha mais altaneira<sup>1</sup>. Somos guiados, pois, como por mão de sacerdote, quais iniciados, desde o sacrifício cruento do animal imolado, segundo os preceitos rituais, rodeando penedos, parando aqui, genuflectindo acolá, até à subida íngreme, mas deliciosa, do êxtase com as divindades – a Suprema Serápis, os deuses infernais, os nubes protectores dos Lapíteas...

Felizmente, o sítio foi recuperado para sereno usufruto por parte do público e, embora as actas desse encontro de 1995 nunca tenham vindo a lume<sup>2</sup>, certo é que outras publicações se fizeram e de uma delas ora nos vamos fazer eco. Antes, porém, seja-nos permitido evocar de novo o que este santuário desperta em quem o visita e que, por isso também, inspirou o traço original de Souza Oliveira.

Há sítios no mundo em que toda a envolvência natural te convida a fazer silêncio, a meditar na efemeridade da vida e a dirigires-te, ainda que de uma forma espontânea, a uma entidade sobrenatural cujo sopro sentes por ali... Panóias é um deles.

No topo de uma colina, à saída da povoação de Vale de Nogueiras, um conjunto de solenes penedias com pequenos tanques, buracos para encaixe de postes das construções que primitivamente os cobriam e inscrições no dorso. Em latim e em grego. Informa uma das inscrições que pertenceu ao legado imperial romano Gaio C. Calpúrnio Rufo, senador (*clarissimus vir*), aí pelos primórdios do século III da nossa era, a iniciativa de mandar consagrar o sítio «aos deuses e às deusas e a todos os númenes em geral e também aos dos Lapíteas». Refere-se a existência

<sup>1</sup> «Die Mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal)», *Madriider Mitteilungen*, 38 1997 176-246.

<sup>2</sup> Alguns textos acabariam por ser publicados, como é o caso da intervenção de Alain Tranoy, «Panóias ou les rochers des dieux», *Conimbriga* 43 2004 85-98.